

FRANZ KAFKA

A
METAMORFOSE

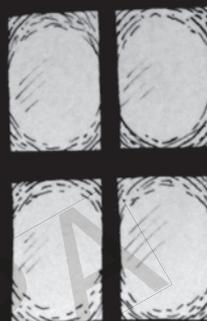
Ilustrações de Isabelle Bessa

Tradução de Leandro Cavalcanti

TORDESILHAS
FABULOUS CLASSICS

Rio de Janeiro, 2025

SUMÁRIO





Por que ler este clássico?, VIII

Cronologia, XX

Capítulo 1, 1

Capítulo 2, 29

Capítulo 3, 59

Sobre o autor, 89



CAPÍTULO

~ 1 ~

Quando certa manhã Gregor Samsa despertou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um inseto monstruoso. Ele estava deitado sobre suas costas rígidas como uma couraça e viu, ao levantar um pouco a cabeça, seu ventre abobadado, marrom e dividido em saliências arqueadas, sobre o qual a coberta, prestes a escorregar por completo, quase não conseguia se manter no lugar. Suas numerosas patas, pateticamente finas em relação à sua compleição como um todo, agitavam-se desajeitadamente diante de seus olhos.

O que aconteceu comigo?, pensou. Não era um sonho. Seu quarto, autêntico aposento de um ser humano, apenas um pouco pequeno demais, continuava ali calmamente entre as quatro paredes bem familiares. Sobre a mesa, na qual um mostruário de tecidos desempacotados se espalhava – Samsa era caixeiro-viajante –, pendia o retrato que ele havia recortado, há pouco, de uma revista ilustrada e colocado em uma bela moldura dourada. Nele, via-se uma dama sentada em posição ereta, com chapéu e cachecol, ambos de pele, que erguia na direção do espectador um pesado regalo, também de pele, sob o qual seu antebraço desaparecia por completo.

O olhar de Gregor voltou-se então à janela, e o tempo nublado – ouviam-se gotas de chuva pingando no parapeito – o deixou muito melancólico.



E se eu dormisse um pouco mais e esquecesse todas essas tolices?, pensou. Mas isso era impossível, pois ele estava acostumado a dormir do lado direito, só que não conseguia se colocar nessa posição devido ao atual estado. Por mais que se esforçasse em girar para o lado direito, sempre balançava e voltava a ficar de costas. Tentou ficar de lado centenas de vezes, fechando os olhos para não ter que ver suas patas se agitando, e desistiu apenas quando começou a sentir uma leve e indistinta dor na lateral do corpo que nunca sentira antes.

Meu Deus!, pensou, *que ofício cansativo eu escolhi! Todo santo dia viajando. A agitação do trabalho é muito maior que as da sede da firma, e, ainda por cima, me impõem o fardo de viajar, a preocupação com as conexões de trem, a alimentação ruim e irregular, as relações humanas que mudam toda hora, que nunca perduram, nunca tocam o coração. Que tudo isso vá para o inferno!*

Sentiu uma leve coceira na parte de cima da barriga, deslizou lentamente de costas para perto da cabeceira da cama para levantar mais facilmente a cabeça, encontrou o lugar onde coçava, que estava tomado por pontinhos brancos irreconhecíveis, e quis tocá-lo com uma pata, mas logo a recolheu, pois o contato lhe causou calafrios.

Deslizou de volta à posição anterior. *Essa história de levantar cedo, pensou, deixa a pessoa totalmente idiota. É importante dormir bem. Outros caixeiros-viajantes vivem como odaliscas. Por exemplo, quando volto ao hotel no meio da manhã para transcrever as encomendas, esses senhores ainda estão no café da manhã. Se eu tentasse fazer isso com o chefe que tenho, seria demitido na hora. Aliás, quem sabe, talvez isso fosse até uma coisa muito boa para mim. Se eu não estivesse me*

contendo por causa dos meus pais, teria me demitido há muito tempo; teria me colocado diante do meu chefe e dito tudo o que penso do fundo do meu coração. Ele iria cair da escrivaninha! Também, é estranho o jeito dele de se sentar na escrivaninha e falar de cima para baixo com o funcionário, que, além disso, tem que chegar muito perto porque o chefe não ouve bem. Bem, a esperança não está de todo perdida; assim que juntar o dinheiro para lhe pagar a dívida dos meus pais – o que deve demorar mais uns cinco ou seis anos –, certamente farei isso. Ai haverá uma grande mudança. Por ora, porém, tenho que me levantar, pois meu trem parte às cinco.

E olhou para o despertador, que emitia seu tique-taque sobre a cômoda.

Pai do céu!, pensou. Eram seis e meia e os ponteiros avançavam tranquilamente, já era até mais de seis e meia, eram quase seis e quarenta e cinco. Será que o despertador não havia soado? Via-se da cama que ele estava programado corretamente, para quatro horas; certamente havia soado. Sim, mas seria possível continuar dormindo tranquilamente com aquele alarme que fazia a mobília tremer? Bem, ele não havia dormido tranquilamente, mas talvez por isso mesmo houvesse dormido mais profundamente. E agora, o que deveria fazer? O próximo trem partiria às sete horas; para não o perder, ele teria que se apressar loucamente, mas o mostruário ainda não estava na mala, e ele não se sentia nem um pouco disposto nem ágil. E mesmo que pegasse o trem, não seria possível evitar uma bronca do chefe, pois o contínuo da firma havia esperado no trem das cinco e já teria informado que Gregor não aparecera. O rapaz era um puxa-saco do chefe, obediente e obtuso. E se Gregor dissesse

que estava doente? Mas isso seria muito embaraçoso e suspeito, pois ele não havia adoecido uma única vez durante os cinco anos de serviço. Certamente o chefe viria com o médico do seguro de saúde, reprenderia os pais pela preguiça do filho e rechaçaria os protestos apoiado no médico, para o qual só existem pessoas completamente sadias, mas que não gostam de trabalhar. Porém, será que ele estaria errado neste caso? De fato, Gregor se sentia – à parte uma sonolência realmente supérflua depois de um longo sono – muito bem e estava até mesmo com muita fome.

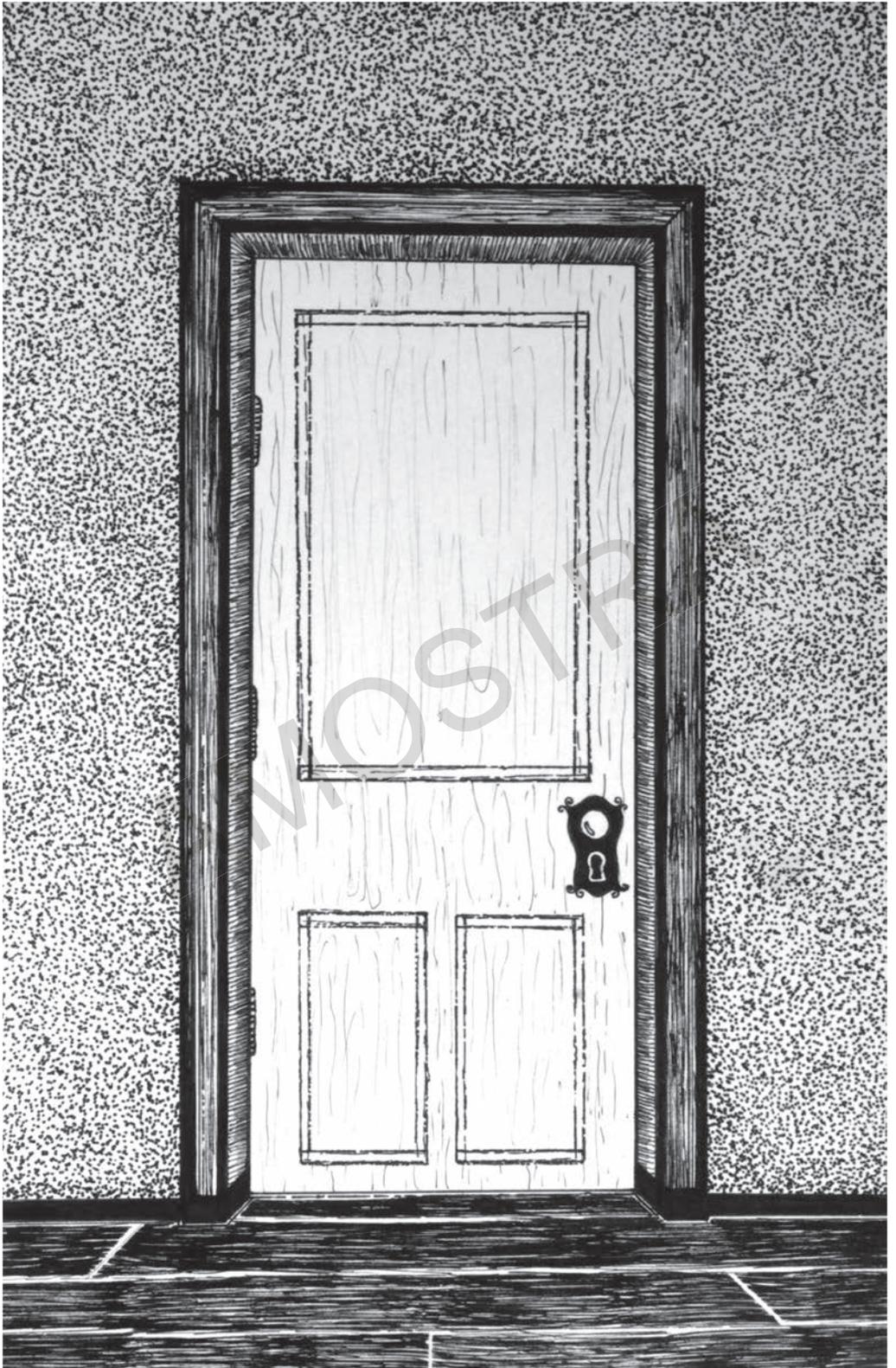
Enquanto refletia sobre tudo com muita pressa, sem conseguir se decidir a sair da cama – o despertador acabara de indicar seis e quarenta e cinco –, bateram cautelosamente à porta contígua à cabeceira de sua cama.

— Gregor — chamou alguém; era sua mãe —, são seis e quarenta e cinco. Você não tinha que viajar?

Que voz suave! Gregor, ao responder, se assustou ao ouvir a própria voz, que era inconfundivelmente sua voz antiga, mas na qual se inseria, como se vindo de baixo, um guincho irreprimível e doloroso, o qual mantinha a nitidez das palavras apenas no primeiro momento, e logo depois as destruía de tal maneira que o interlocutor não sabia se havia ouvido direito. Gregor gostaria de responder detalhadamente, explicando tudo, mas, devido às circunstâncias, limitou-se a dizer:

— Está bem, obrigado, mãe, já vou me levantar.

Por causa da porta de madeira, a mudança na voz de Gregor não deve ter sido perceptível, pois a mãe se tranquilizou com a resposta



e se foi, arrastando os chinelos. Mas aquela curta conversa fez com que os outros membros da família ficassem cientes de que Gregor, ao contrário do que esperavam, ainda estava em casa; e o pai logo bateu fraco, mas com o punho, em uma das portas laterais.

— Gregor, Gregor — chamou ele. — O que está acontecendo?

E, após uma pequena pausa, repreendeu o filho novamente, com uma voz mais grave:

— Gregor! Gregor!

Na outra porta lateral, porém, a irmã falou em voz baixa:

— Gregor? Você não está bem? Precisa de alguma coisa?

Gregor respondeu para ambos os lados:

— Já estou pronto — e, com uma pronúncia muito cuidadosa e longas pausas entre as palavras, ele se esforçou para eliminar da voz tudo que pudesse chamar atenção.

O pai retornou ao seu café da manhã, mas a irmã sussurrou:

— Gregor, abra a porta, eu te imploro.

Mas Gregor nem sequer cogitou abrir; ele agradeceu pela precaução, aprendida em suas viagens, de trancar todas as portas à noite, mesmo em casa.

Antes de mais nada, ele queria se levantar, calmo e sem perturbação, vestir-se e sobretudo tomar o café da manhã, e só depois disso pensar no que fazer a seguir, pois se dava conta de que se ficasse na cama não chegaria a lugar nenhum com suas reflexões. Lembrou-se de repetidas ocasiões em que sentira uma leve dor na cama por ha-

ver se deitado mal, mas que depois se mostrara mera imaginação ao levantar, e estava ansioso para ver como os devaneios do dia iam se dissipar pouco a pouco. Não duvidava nem um pouco de que a mudança na voz nada mais era que o prenúncio de um forte resfriado, doença típica de caixeiros-viajantes.

Tirar a coberta foi muito fácil; ele só precisou se inflar um pouco e ela caiu sozinha. Mas o que veio a seguir foi mais difícil, sobretudo porque ele estava descomunalmente largo. Precisaria de braços e mãos para se erguer; mas em vez disso tinha apenas muitas patas, que não paravam de se agitar em todas as direções e que além disso ele não conseguia controlar. Se tentava dobrar uma, ela era a primeira a se estender; e se ele finalmente conseguia fazer com essa pata o que queria, todas as outras, nesse meio-tempo, moviam-se na mais intensa e dolorosa agitação, como que entregues a si mesmas.

“Não fique inutilmente aí na cama”, disse Gregor para si mesmo.

Para começar, ele queria sair da cama com a parte inferior do corpo, mas essa parte de baixo, a qual ele aliás não havia visto e sobre a qual não conseguia ter uma ideia precisa, demonstrou-se difícil de mover; ela se mexia muito devagar; e assim que finalmente, quase exasperado, ele juntou todas as suas forças e se jogou para a frente sem preocupação, escolheu a direção errada e bateu com violência nos pés da cama, e a dor lancinante que sentiu lhe mostrou que exatamente a parte inferior do seu corpo, no momento, talvez fosse a mais sensível.

Então tentou tirar primeiro a parte superior do corpo, girando com cuidado a cabeça para a beira da cama. Logrou fazer o mo-

vimento com facilidade, e, apesar da largura e do peso, seu corpo inteiro, por fim, seguiu o giro da cabeça. Mas quando finalmente a susteve fora da cama, ficou com medo de se mover adiante dessa maneira, pois, se caísse do modo que estava, seria necessário um milagre para não se ferir na cabeça. E, naquele momento, ele não podia perder a consciência de jeito nenhum; seria preferível ficar na cama.

Mas quando, suspirando, voltou novamente à posição inicial depois do mesmo esforço, viu novamente suas pequenas patas lutarem entre si, possivelmente mais do que antes, e não vislumbrou a possibilidade de proporcionar calma e ordem àquele caos; disse a si mesmo que não poderia permanecer na cama e que o mais razoável seria sacrificar tudo para se livrar dela, ainda que isso fosse apenas uma remota esperança. Ao mesmo tempo, porém, ele não se esquecia de lembrar periodicamente que as decisões serenas, bem serenas, são muito melhores que as desesperadas. Nesses instantes, dirigiu o olhar atentamente para a janela, mas infelizmente a visão da névoa matinal, que cobria até mesmo o outro lado da estreita rua, não lhe proporcionou esperança nem encorajamento. “Sete horas já”, disse a si mesmo quando o despertador tocou novamente, “sete horas já e ainda tanta névoa.” E, por um curto momento, permaneceu calmamente deitado, com a respiração fraca, como se talvez esperasse do silêncio profundo o retorno da realidade verdadeira e cotidiana.

Então disse a si mesmo: “Antes das sete e quinze eu tenho que sair totalmente da cama. Além disso, até essa hora alguém da firma virá perguntar por mim, pois ela abre antes das sete.” E pôs-se a balançar o corpo em toda a sua extensão, em um movimento inteiramente regular, para sair da cama. Quando caísse da cama, devido àquele

movimentação, a cabeça, que ele queria levantar com toda a força no momento da queda, ficaria presumivelmente ilesa. As costas pareciam ser duras; assim, nada lhes aconteceria ao cair no tapete. Sua maior preocupação era o ruído estrondoso que provavelmente provocaria e que talvez, mesmo atrás de tantas portas, viesse a causar uma preocupação, se não um susto. Mas era preciso arriscar.

Quando metade do corpo de Gregor já estava fora da cama – o novo método era mais uma brincadeira do que um esforço; apenas precisava balançar o corpo –, ele se deu conta de que tudo seria mais fácil se alguém o ajudasse. Duas pessoas fortes – pensou em seu pai e na empregada – bastariam plenamente; eles apenas teriam que colocar os braços por baixo das suas costas abobadadas, tirá-lo assim da cama, inclinar-se com o peso e então simplesmente esperar que ele pudesse se girar no chão, fazendo com que assim as pequenas patas – esperava-se – realizassem sua função. Bem, sem considerar que as portas estavam trancadas, será que ele realmente deveria pedir ajuda? Apesar de toda a dificuldade da situação, ele não conseguiu reprimir um sorriso ao pensar nisso.

Gregor já tinha alcançado o estágio em que, ao balançar com força, mal conseguia manter o equilíbrio, e muito em breve teria que se decidir de uma vez, pois em cinco minutos seriam sete e quinze – quando alguém tocou a campainha. “É alguém da firma”, disse para si mesmo e quase ficou petrificado, enquanto suas pequenas patas se agitavam mais rapidamente devido a isso. Durante um momento tudo ficou em silêncio. “Eles não vão abrir”, disse a si mesmo, agarrado a alguma esperança absurda. Mas então, evidentemente, como sempre, a empregada dirigiu-se com passo firme

à porta e abriu. Gregor só precisou ouvir a primeira saudação do visitante para saber quem era – o gerente em pessoa. Por que Gregor fora condenado a trabalhar em uma firma em que o mínimo erro levantava a máxima suspeita? Será que todos os funcionários eram vagabundos, sem nenhuma exceção? Não havia, pois, nenhum homem leal e dedicado entre eles que, ao não utilizar algumas horas da manhã trabalhando para a firma, tivesse ficado tão louco de remorso que não pudesse sair da cama? Será que não bastava mesmo enviar um aprendiz para perguntar – se é que esse interrogatório era realmente necessário? O gerente em pessoa tinha que vir, mostrando para a inocente família que a investigação daquele caso suspeito só podia ser confiada à sabedoria dele? E, mais como consequência da agitação causada por esses pensamentos do que de uma verdadeira decisão, ele se balançou com toda a força para fora da cama. Houve uma pancada ruidosa, mas que não chegou a ser um estrondo. A queda foi um pouco amortecida pelo tapete, e suas costas eram mais elásticas do que imaginava, por isso houve um baque surdo, que não chamou tanta atenção. Ele só não havia sustentado a cabeça com o cuidado necessário, e assim, a bateu; com raiva e dor, virou-a e esfregou-a no tapete.

— Alguma coisa caiu lá dentro — disse o gerente no aposento contíguo à esquerda.

Gregor procurou imaginar se algo semelhante ao que acontecera com ele não poderia também acontecer com o gerente; era preciso considerar aquela possibilidade. Mas, como se desse uma resposta brusca àquela pergunta, o gerente deu alguns passos no aposento